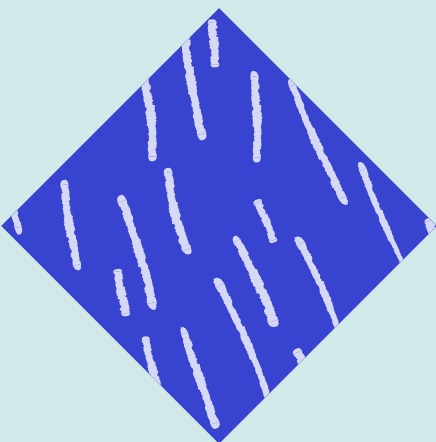




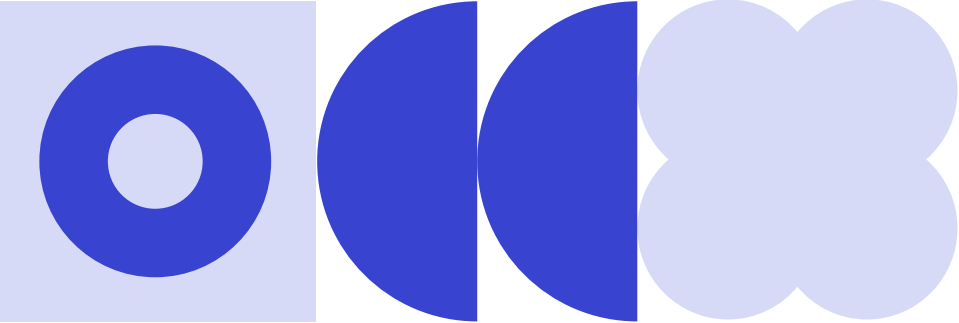
PROGRAMA ESCOLAS CRIATIVAS

COLETÂNEA ESCOLAS CRIATIVAS

REDE ESTADUAL DE ALAGOAS



escolascriativas.org/



SUMÁRIO

APRENDIZAGEM CRIATIVA EM ALAGOAS EM TRÊS TÓPICOS

- 3** O que é?
- 3** Como?
- 3** Quais os impactos para a Rede?

PARTE 1

- 4** O *case* de Alagoas

PARTE 2

- 9** Mais ludicidade também para o Ensino Médio
- 10** Sururu vira lição e orgulho na sala de aula
- 11** Criatividade e autonomia ligam atividades que vão de papel machê a Astronomia
- 12** Programando no agreste do Estado
- 15** Inspiração alagoana

PARTE 3

- 16** A hora do gestor
- 17** Sobre o Programa Escolas Criativas

APRENDIZAGEM CRIATIVA EM ALAGOAS EM TRÊS TÓPICOS



1

O QUE É?

São 79 escolas estaduais em Alagoas que integram o Programa Escolas Criativas, oferecendo atividades baseadas na Aprendizagem Criativa para estudantes do Ensino Fundamental e Médio. Essas unidades estão distribuídas por diversas regiões do Estado, do litoral ao sertão, apresentando infraestruturas, desafios e realidades distintas, mas que se conectam e trocam experiências entre si.

2

COMO?

A Aprendizagem Criativa entra na carga horária obrigatória da formação de professores, inclusive daqueles que não estão nas escolas oficialmente vinculadas ao programa. Em 2023, a Aprendizagem Criativa foi definida como tema central do ano letivo de toda a Rede de Ensino, norteando iniciativas e eventos, e fazendo com que, de forma mais ou menos intensa, a comunidade escolar tivesse contato com a abordagem.

3

QUAIS OS IMPACTOS PARA A REDE?

Há relatos de professores e gestores sobre o aumento do engajamento dos estudantes, principalmente relacionados às atividades mão na massa, que contribuem para o desenvolvimento do pertencimento e protagonismo estudantil, aproximação da comunidade escolar, diminuição de evasão e impacto na aprendizagem.

PARTE

1

O CASE DE ALAGOAS

A Rede Estadual de Alagoas foi selecionada para integrar o Programa Escolas Criativas na turma 2, em 2022. O Estado, que compõe a Região Nordeste, possui 309 escolas com mais de 120 mil alunos no Ensino Fundamental e Médio matriculados. O corpo docente é formado por mais de 7 mil professores.

Um total de 79 escolas participam do programa, entretanto, a Secretaria Estadual da Educação consegue levar a abordagem da Aprendizagem Criativa para as demais unidades, porque o tema integra a carga horária das formações docentes, fazendo com que as escolas conheçam o conceito e suas vantagens.

Há, em Alagoas, uma importante especificidade: embora o Programa Escolas Criativas não tenha como foco prioritário os estudantes do Ensino Médio, o Estado consegue implementar as atividades, inclusive, nessa modalidade de ensino que atende adolescentes.



As mudanças na maneira de ensinar e de aprender já trazem reflexos, por exemplo, nos resultados preliminares do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb). Alagoas teve o melhor resultado da história no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, conforme explica Ricardo Lisboa Martins, Superintendente de Políticas Educacionais da Secretaria Estadual de Educação.

“A gente consolida a tendência de crescimento da educação de Alagoas. A gente sai dos piores índices, como os de 2007, 2012 e 2015. Ainda não é o melhor, mas também não é o pior. Saímos dessa triste marca.” Esse resultado, segundo ele, deve-se a um conjunto de razões, sendo o Programa Escolas Criativas um dos principais responsáveis.

Para garantir que a mudança na prática docente chegue a todas as pontas e se torne sustentável ao longo do tempo, Alagoas se estruturou da seguinte maneira: cada escola conta com um articulador de ensino, um coordenador pedagógico e um gestor.



Além dessa estrutura nas escolas, o Estado tem ainda 13 gerências especiais de educação, anteriormente chamadas de regionais. Nelas, atuam um formador e um Técnico de Inovação e Tecnologia na Educação (TITE), sendo que cada gerência atende um conjunto de escolas.

“Esse técnico e esse formador são responsáveis pela formação e usam o articulador de ensino na escola como ponto focal”, explica Martins. “Nós, aqui, fazemos a formação dos formadores regionais, que, por sua vez, fazem a formação dos articuladores de ensino. Assim, todo o trabalho das Escolas Criativas acaba integrando esse trabalho voltado para a formação e acompanhamento das escolas.”

Desde 2018, a formação dos professores ocorre por meio de trilhas formativas que vão desde programação e robótica até educomunicação. Andrea Ferreira da Silva Maciel, Gerente Especial de Inovação e Tecnologia na Educação, explica que foi dentro dessa perspectiva das trilhas formativas que a Aprendizagem Criativa acabou sendo introduzida.

“A Aprendizagem Criativa atua como uma ferramenta muito potente nas nossas formações, porque combina perfeitamente com a nossa proposta de construção do conhecimento, de experimentação, da mão na massa, da testagem das hipóteses e do erro como parte do processo”, explica Andrea.

Cada escola tem seu próprio plano de formação. Ricardo Martins diz que o papel da Seduc, hoje, consiste em articular os planos de cada escola, com o das regionais e com o plano da Secretaria, enquanto política pública. Foi assim que o Programa Escolas Criativas, direcionado ao Ensino Fundamental, acabou chegando também ao Ensino Médio em Alagoas.

“Esses três planos acabam sendo construídos com esse foco. Quando o programa vem, a gente tem essa necessidade de integração. O desafio acabou sendo a própria solução. A ideia de trazer o Ensino Médio trouxe também a perspectiva de a gente conjugar o programa com a Rede como um todo. Na hora de fazer o trabalho disseminar, de discutir a criatividade no ensinar, na prática docente, a gente leva para todos os docentes, em todas as instâncias, em todas as formações.”

Quando Alagoas aderiu ao programa, uma preocupação recorrente era que ele fosse sustentável ao longo do tempo. “A gente, enquanto professor, entende que uma escola tem um profissional melhor quando um professor consegue atuar e modificar sua prática. O programa tem proporcionado que os professores possam identificar as demandas, suas necessidades, mas, ao mesmo tempo, revisitar a prática, refletir sobre a prática e incluir alguma coisa bacana, como equipamentos, ferramentas, mão na massa. (...) Trazer uma atividade mão na massa é fazer com que os **alunos também sejam protagonistas** da construção do seu próprio conhecimento”, diz Martins.



Andrea concorda com o superintendente da Seduc no sentido de que é importante que a nova abordagem de ensino se perpetue, porque ela tem se mostrado “muito efetiva no engajamento, na percepção do estudante do seu próprio conhecimento e na prática discente”.

“A abordagem criativa traz para a formação e para o processo de ensino-aprendizagem um componente fundamental, que é para além da criatividade, é uma coisa quase mágica. Porque ela vai trazer justamente esse espírito de criança que a gente tem, no sentido de descobrir o mundo a partir dos seus próprios elementos e do entorno. Isso é muito gostoso tanto para os professores como para os estudantes”, diz Andrea.

E a melhor maneira de implementar a Aprendizagem Criativa é por meio da vivência. Quem diz isso é a Técnica de Inovação e Tecnologia (TITE) Tamara Belmira, uma “formadora de formadores”. “Não adianta você chegar com conceitos pré-estabelecidos, porque isso não vai fazer a mudança. Eu trabalho muito nessa perspectiva de trazê-los à reflexão, a partir da prática”, explica. “A abordagem da Aprendizagem Criativa parte desse pressuposto que você vai vivenciar e, depois,

“você vai refletir sobre aquela prática, vai ver os conceitos. E a gente não aprendeu dessa forma, a gente aprendeu o contrário – era: vai para uma formação, está cheio de *slide*, vamos anotar tudo. E a grande virada mesmo foi vivenciar com eles, na prática, aquilo que eles vão vivenciar com o estudante na sala de aula.”

Dessa forma, Alagoas tem conseguido implementar as duas dimensões centrais de uma Escola Criativa: **a apropriação da prática docente e pertencimento e o protagonismo estudantil**. Além destas, há ainda a presença marcante da **adaptação de tempo e espaço**.

“A gente consegue ver as mudanças quando os professores começam a receber formação continuada e a tomar consciência de que sua prática precisa ser alterada para ter resultados. E compreender que eu não preciso ter um espaço gigantesco, com tecnologias *high-tech* para poder mudar minha prática, e sim o **estudo, o planejamento, a reflexão** sobre aquilo que eu estou fazendo. Às vezes, tem escolas muito pequenas, escolas maiores; e a gente percebe que não é o espaço e nem o recurso material, mas sim **como você vai organizar aquele espaço**, como você vai adaptar. E aí a palavrinha-chave é intencionalidade. A aula não precisa acontecer só dentro da sala de aula, a aula pode acontecer no pátio, numa pracinha perto da escola, pode acontecer dentro de casa. Vai depender do seu objetivo”, conta Tamara.

Embora, definitivamente, o processo não seja fácil, Tamara garante que, aos poucos, eles têm conseguido mudar a realidade. E uma das boas surpresas foi descobrir que, dentro das escolas, já havia professores que trabalhavam a partir de uma perspectiva da Aprendizagem Criativa há muito tempo. “Só que, muitas vezes, eles não tinham consciência disso. E eram aqueles professores que realmente faziam a diferença; que, quando você chega à escola e vai visitar, que vai observar a prática, você vê o olhinho do estudante brilhando.”

Na sequência, confira alguns dos projetos realizados nas escolas estaduais de Alagoas que fazem parte do Programa Escolas Criativas.

PARTE

2

MAIS LUDICIDADE TAMBÉM PARA O ENSINO MÉDIO

Quando a proposta da Aprendizagem Criativa chega aos alunos do Ensino Médio, talvez, os papéis coloridos e as atividades mais lúdicas fiquem um pouco de lado; mas, nesse caso, entram em cena instrumentos que fazem sentido para essa geração, como um documentário, um *podcast*, um curta-metragem.

O professor de História Wirlan Pajeu de Moraes, da Escola Estadual Lions Club, em Arapiraca, agreste do Estado, conta que, usando ferramentas das mídias sociais, conseguiu engajar os alunos e orientá-los a ter maior protagonismo dentro da escola.

Para trabalhar o ensino da Segunda Guerra Mundial, por exemplo, Wirlan dividiu a turma em grupos, e cada um ficou responsável por uma atividade diferente. “Um grupo ficou responsável por um júri simulado de algum personagem da Segunda Guerra Mundial; um grupo ficou responsável por um *podcast*, utilizando a ideia da



pseudociência da eugenia ou Darwinismo Social; outro grupo foi responsável por uma reportagem audiovisual, para depois ser postada na internet e compartilhar o conhecimento com os outros também.”

Perceber o “anseio por conhecimento” é o que inspira Wirlan a seguir em frente. “Eu vejo nos olhinhos deles justamente essa busca por querer aprender, por querer conhecer mais. E a gente, servindo de auxílio, de ponte de conhecimento, de orientação. Isso me deixa muito mais satisfeito, me deixa mais com um sentimento de que estou cumprindo minha missão.”

SURURU VIRA LIÇÃO E ORGULHO NA SALA DE AULA

Ver o resultado do que estão fazendo para motivar e engajar os alunos – e se reconhecer nele – foi a estratégia adotada pela professora Michelly Azevedo Lessa, da Escola Estadual Major Eduardo Emiliano da Fonseca, que também fica na capital de Alagoas.

A escola se localiza em uma comunidade que tem na extração do sururu sua base social e econômica. “Os nossos alunos são filhos de marisqueiras, de pescadores, isso faz parte do dia a dia deles. Tinha uns que até odiavam ver a mãe passar o dia inteiro ‘despinicando’ o sururu.”

Ela usou a realidade das famílias para trabalhar a questão social e a questão econômica. Além do trabalho de pesquisa, houve uma aplicação prática. “A gente convidou os pais, para dar palestras e falar como é a rotina deles, e também ex-alunos nossos que já trabalham e sobrevivem economicamente do sururu.”

Os estudantes inclusive discutiram a questão ambiental, ou seja, o que é feito com a casca do sururu. “Ele retorna na forma do ‘sururote’, uma moeda local que eles usam para trocar a casca do sururu em alguns mercadinhos daqui da nossa comunidade. E entra a questão econômica, da valorização dos mercados locais também. Todo mundo se sente valorizado trabalhando de forma consciente o meio ambiente e todo o contexto ao redor”, explica.

Michelly diz que, nas aulas, foram trabalhadas questões linguísticas, oralidade e raciocínio lógico. “A gente vê um avanço, uma melhoria no vocabulário, o aumento de palavras que a gente ganha na produção de texto.”

CRIATIVIDADE E AUTONOMIA LIGAM ATIVIDADES QUE VÃO DE PAPEL MACHÊ A ASTRONOMIA

Silvana Tenório é uma professora que sempre acreditou que dar aula não é sinônimo de despejar conteúdo. Para ela, esta é, na verdade, a receita da monotonia. Ela viu no Programa Escolas Criativas a validação do que norteava seu trabalho em sala havia muito tempo. “O programa me ajudou muito, fiquei tão feliz, porque a gente vê muita gente que não acredita nesse processo, acha que é perder tempo. E quando o programa vem dizendo: ‘Olha, tem dado certo, você usar a criatividade atrai os alunos, o aprendizado aumenta, os alunos gostam’. Eu acredito que isso faça muita diferença.”

Ela ensina Ciências na Escola Estadual Teotônio Vilela, em Maceió. Silvana conta que, quando as aulas voltaram a ser presenciais, depois da pandemia, se deparou com



uma montanha de papel machê, que foi usado nas atividades remotas. Preocupada em reaproveitar esse material, ela criou a eletiva de papel machê.

Foram dois anos de trabalho com os alunos nas técnicas do papel machê e da papietagem – e aqui, mais uma vez, entra a criatividade em cena. Como o período chuvoso, de maio a julho, impedia que o papel machê secasse e acabasse mofando, foi preciso reinventar a atividade para seguir em frente com a eletiva.

Das mentorias do Escolas Criativas, Silvana trouxe a proposta de dar autonomia para os alunos. Atualmente, nas aulas, ela tem trabalhado isso. “Eu levo roteiros quinzenais e eu digo que eles têm autonomia. Eu só quero que eles aprendam e, quando eu perguntar, todo mundo saiba; ou seja, **existe solidariedade, existe autonomia e responsabilidade.**”

Neste ano, Silvana deixou o papel machê de lado e passou a oferecer a eletiva de Astronomia. A professora e seus alunos fizeram um planisfério e um constelário, usando rolo de papel toalha, celofane colorido e outros itens de papelaria. Antes de passar às atividades práticas, eles recorreram a aplicativos para aprender mais sobre as constelações.

A ideia dos alunos foi de apagar a luz da sala de aula, colocar a lanterna do celular dentro do constelário e, assim, refletir as constelações no teto. “A gente deitou num tapetão no chão, e os alunos iam refletindo a sua constelação e dizendo alguma coisa que aprenderam sobre ela. Eles se motivam demais.”

O sucesso é tanto que a professora diz que vê desabrochar, inclusive, talentos escondidos. “Tive momentos muito bons de alunos interagindo, de aluno que numa aula comum, tradicional, **a gente não conseguia ver**, e num processo desse, na aprendizagem de grupo, ele se sobressaía”, diz.

PROGRAMANDO NO AGRESTE DO ESTADO

O Scratch é uma linguagem de programação, desenvolvida pelo Grupo Lifelong Kindergarten, no MIT Media Lab, que permite a criação de animações, jogos e histórias interativas. A chegada do Programa Escolas Criativas na Escola Estadual Rotary, que fica em Arapiraca, no agreste de Alagoas, trouxe consigo o Scratch para a realidade da sala de aula. De forma plugada (*online*, no computador) e desplugada (no papel impresso).



Enquanto o professor Leandro Casado Santos trabalhava o pensamento computacional por meio do Scratch com os alunos, no laboratório de informática, Adriana Silva de Amorim, que leciona matemática, ensinava os mesmos conceitos com um jogo de tabuleiro criado no papel sulfite.

“Eu percebi que, durante o jogo, eles conseguiram assimilar de uma forma mais rápida o que eu queria passar. Em vez de eu passar uma hora-aula aí na frente, falando, resolvendo exercício, com uma atividade, eles conseguiram aprender o mesmo conteúdo de uma forma mais fácil. Todos colaboraram e conseguiram aprender o que era necessário. A evolução é significativa”, explica a professora Adriana.

Na sala do professor Leandro, alguns alunos já chegam para a aula com um conhecimento de informática. Dessa forma, com esses alunos, segundo ele, é possível fazer um trabalho mais avançado de programação. Mas, em outros casos, o ensino do Scratch funciona como uma forma de inclusão digital. “Muitos deles nem contato com um computador tiveram antes da escola. Com esses, nós vamos avançando, trabalhando a parte de identificação de cores, imagens, sons, criação de animações simples.”

Leandro explica que trabalha em parceria com outros professores, principalmente de Linguagem e de Matemática. “A gente percebe que esses alunos têm tido uma melhora no desempenho, principalmente no quesito de raciocínio lógico, quando vão para sala de aula regular e também na parte criativa, ao desenvolver textos, produzir conteúdo, tem contribuído bastante para esse lado também.”

As formações ligadas à Aprendizagem Criativa têm sido fundamentais para o trabalho dos professores, além de torná-lo mais prazeroso, garante Adriana. “É uma atividade em que a gente até desenvolve o nosso raciocínio, de estar pensando toda hora no que vai ser feito, como é que você pode trabalhar aquele conteúdo. Eu consigo aprender bastante, consigo transformar isso em atividade, e o meu aluno também aprende.”



EVIDÊNCIAS

Ambos os professores relatam que os estudantes assimilam de forma mais rápida e eficaz os conteúdos por meio do Scratch e de outras atividades baseadas em Aprendizagem Criativa. Leandro afirma, ainda, que consegue incluir os estudantes com algum tipo de deficiência.

“Nós temos alunos que, quando chegam à escola, demonstram ter uma grande dificuldade, tanto em socialização, quanto na parte de aprendizado. E, quando trabalhamos atividades de Aprendizagem Criativa, nós envolvemos esses alunos com os demais alunos da sala regular e percebemos que estamos contribuindo não apenas para a formação acadêmica deles, mas também formando cidadãos, pessoas que estarão aptas para encarar a vida real, para encarar o dia a dia fora da escola.”

INSPIRAÇÃO ALAGOANA

O Estado inova e transforma a maneira como forma seus professores, incluindo oficinas mão na massa, propondo reflexões e fazendo com que os docentes voltem às memórias de estudantes da educação básica. Também valoriza as boas práticas diferenciadas já adotadas pelos professores e apresentadas durante as formações, incentivando a transformação da atuação docente e o trabalho em pares.

Além disso, as escolas alagoanas têm conseguido aproveitar os interesses das comunidades locais para propor as atividades baseadas em Aprendizagem Criativa, trazendo mais propósito e sentido à educação.

PARTE

3

A hora do gestor

“Influencia os alunos do Estado de Alagoas a permanecerem na escola”

“Participar desse programa mudou nossa realidade educacional, com certeza, quando abraçamos essa proposta de melhorar a aprendizagem de forma criativa, de forma que o aluno compreenda o que o professor está ensinando – fazendo, colocando a mão na massa, participando de oficinas. Aí, a criatividade rola solta, e isso **tem influenciado muito os alunos do Estado de Alagoas a permanecerem na escola**, porque a aula se torna mais atrativa, mais significativa.

Nós temos, em cada escola, professores que se debruçam a estudar de que forma podem trabalhar para que a aprendizagem se torne muito mais concreta com essas atividades. O professor mudou sua maneira de trabalhar os conteúdos e isso fixou mais no aluno aquela aprendizagem. Todos os professores, de todas as disciplinas, trabalham nas nossas escolas com essa metodologia diferenciada.

Não custa caro! O importante é dizer isso: você não precisa reinventar nada na escola. Só é preciso que o professor se prepare nas suas formações, busque algumas orientações e, **com materiais mais simples do que a gente imagina, ele pode tornar essa aula muito mais significativa.**

Imagine você estudar **as temidas fórmulas de Química, Física e Matemática** de forma que você possa manusear algum produto e aquilo entregue o resultado do que você imagina que é só número. É isso que essas aulas proporcionam para os nossos alunos.”

**ROSEANE VASCONCELOS, SECRETÁRIA
ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE ALAGOAS**

Observação: as falas originais dos entrevistados foram mantidas, preservando a autenticidade, sem a realização de ajustes linguísticos ou correção gramatical.

SOBRE O PROGRAMA ESCOLAS CRIATIVAS

O Programa Escolas Criativas faz parte do edital Tech and Play, da LEGO Foundation, e foi criado com o objetivo de apoiar as Secretarias de Educação na transformação das escolas públicas em locais cada vez mais instigantes, mão na massa e relevantes para todos os estudantes.

A iniciativa defende como um ambiente aberto — que dê às crianças e adolescentes a oportunidade de se expressar, divertir e colaborar em projetos conectados com a sua realidade — contribui para a formação de cidadãos aptos a lidar com as complexidades de um mundo em transformação. Espera-se que, até 2024, o programa beneficie cerca de 500 mil alunos nas 16 Redes de Ensino Estaduais e Municipais selecionadas por meio dos editais realizados em 2021 e 2022.

Créditos

Coordenação Editorial

Vanessa Fajardo

Realização

Programa Escolas Criativas

Agradecimentos

Secretaria de Estado da
Educação de Alagoas